



Livros em Revista

Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br)



Amar é Viver o Extraordinário: Aprenda a quebrar crenças limitantes e descubra como o amor pode ser a sua maior ferramenta de transformação

Eliane Sato – Gente – Autora é dentre tantas habilidades, especialista em neurociência, sempre voltada ao entendimento e bem estar do ser humano. Nesta obra com título romântico, busca ensinar como entender e aproveitar o que de melhor cada um tem em seu interior, de forma física, equilibrada, extraindo aptidões que na maioria das vezes, mantem-se retidas, enclausuradas e não raro, impedindo crescimentos. A obra é bastante abrangente, com reais pontuações científicas, sem menosprezar a necessidade interpretativa do espírito humano. Obra de valor inconteste!



Longitude 33° Oeste

Roberto Basílio de Matos – Urutau – Imaginem uma família morando num farol, naturalmente em alto-mar, que noite adentro ilumina-se para que os navios afastem-se dali para não correr o risco de abalroar pedras e afundar. Recebem provisões por intermédio de barcos, de quando em quando. Sem aviso, os barcos com as necessárias provisões, desapareceram. Ficaram literalmente abandonados. O leitor consegue imaginar o caos no qual transformou-se aquele farol, no minúsculo espaço para quatro pessoas? Num cipocal antropológico transformou-se. Romance tenso, denso, para nervos de aço. Muito bom! Seu primeiro romance. Que não seja o último.



Eu Te Vejo: fragmentos de histórias vividas na atenção hospitalar

Ondina Canuto – Labrador - Cearense “porreta”! é o mínimo que se poderá atribuir à autora. Para sorte dos pacientes do SUS, na região, lá, essa prestimosa profissional da saúde e educação, presta seus indispensáveis serviços. O termo acolher é seu mantra. Para ela o paciente deve ser visto como um verdadeiro ser, e seus males devem ser vistos “por dentro”, por inteiro. Seus relatos dignificam a classe médica. Ondina é um excelente e vívido cartão de visitas. Que viva muito e com boa saúde. Um digno exemplo a ser seguido. Que seja sempre reconhecida, e seu valor devidamente exaltado!

www.bcctelevision.com.br

Assista ao programa Livros em Revista. Um canal repleto de novidades do universo literário. Entretenimento garantido!



Com apresentação de Ralph Peter.



www.netjen.com.br

TEL: 3043-4171

Setor produtivo cobra menos entraves para o Brasil voltar a crescer

No 25º Fórum Empresarial LIDE, empresários e economistas defendem produtividade, segurança jurídica, infraestrutura e redução da burocracia

O Brasil reúne condições privilegiadas para atrair capital em um cenário global marcado por tensões geopolíticas, corrida tecnológica e busca por energia, alimentos e minerais, mas precisa enfrentar entraves internos que pressionam quem produz. A avaliação permeou as exposições realizadas na manhã desta sexta-feira (21), durante o 25º Fórum Empresarial LIDE, no Rio de Janeiro. Empresários, economistas e lideranças de diferentes setores colocaram no centro do debate temas como juros, carga tributária, segurança jurídica, infraestrutura, digitalização e produtividade.

Para Caio Megale, economista-chefe da XP, o cenário internacional abre uma janela relevante para o país. A demanda por energia, alimentos, petróleo, metais e minerais tem favorecido as exportações brasileiras e ampliado o interesse de investidores, enquanto a expansão da inteligência artificial cria novas oportunidades, inclusive para data centers.

“O mundo vê o Brasil mais como uma solução do que como um problema”, afirmou. O desafio, segundo ele, está dentro de casa: apesar do crescimento econômico, da inflação relativamente controlada e da balança comercial positiva, impostos e juros elevados vêm pressionando as empresas. “Por trás desses números positivos, nós temos duas distorções que vêm crescendo e que sufocam o setor privado”, disse.

Megale também chamou atenção para um ambiente internacional de juros estruturalmente mais altos. Governos precisam financiar dívidas elevadas ao mesmo tempo em que empresas, especialmente de tecnologia, disputam recursos para investimentos bilionários em inteligência artificial e infraestrutura. Na visão do economista, essa competição global por capital tende a manter o custo do dinheiro pressionado, tornando ainda mais importante que o Brasil



Caio Megale, economista-chefe da XP

faça seu próprio ajuste e crie condições mais competitivas para o investimento privado.

A ex-presidente da Caixa Econômica Federal Daniella Marques foi ainda mais enfática ao tratar dos obstáculos enfrentados pelas empresas. Segundo ela, o peso de impostos, juros e burocracia já atinge negócios de todos os portes. “Está ficando impossível produzir nesse país para o grande, para o médio, para o pequeno”, afirmou. Daniella defendeu uma mudança para um modelo econômico baseado em produtividade e incentivo à oferta e alertou que desequilíbrios fiscais acabam aparecendo na dívida pública, nos impostos, nos juros e no custo do crédito.

Para Daniella, destravar o crescimento passa por uma combinação de simplificação, redução de impostos, segurança jurídica e melhores condições para o capital privado.

“A gente precisa construir uma rampa de prosperidade e facilitar a vida, dar um choque de produtividade”, afirmou. Ela citou o potencial brasileiro para receber investimentos em áreas como energia e data centers, mas ponderou que o Estado precisa oferecer um custo de capital mais competitivo e regras capazes de dar confiança aos investidores.

A transformação digital apareceu como outra frente decisiva para a competitividade. O CEO da TIM Brasil, Alberto Griselli, destacou que o setor de telecomunica-

ções representa cerca de 3% do PIB e investe entre R\$ 25 bilhões e R\$ 30 bilhões por ano. Segundo ele, a telefonia móvel já alcança todos os municípios brasileiros e o 5G chega a cerca de 70% da população.

“O próximo desafio é passar de um Brasil conectado a um Brasil digital para aumentar desenvolvimento, produtividade e competitividade”, afirmou.

Griselli avaliou que o avanço acelerado da inteligência artificial representa simultaneamente uma oportunidade e uma pressão sobre empresas, setores econômicos e até a soberania dos países. Para capturar os ganhos dessa transformação, porém, tecnologia não basta. O executivo defendeu a modernização do ambiente regulatório e destacou a necessidade de previsibilidade. “Uma boa parte das conversas acontece [em torno de] uma regra que acabou de mudar, que não era para mudar, que mudou”, disse ao relatar questionamentos recorrentes de analistas e investidores. Para setores de infraestrutura, nos quais os aportes levam décadas para amadurecer, a estabilidade das regras é especialmente relevante.

A necessidade de previsibilidade também atravessou outras exposições do Fórum. Jean Paul Prates, ex-presidente da Petrobras, apontou infraestrutura, energia e indústria como pilares da “atividade construtiva real” da economia e alertou para a perda de capacidade

industrial brasileira. “Nós nos desindustrializamos severamente”, afirmou. Na avaliação de Prates, o país dispõe de recursos naturais, mercado e capacidade empresarial, mas sofre com gargalos logísticos e falta de integração entre modais e regiões produtivas.

No Rio de Janeiro, os números apresentados pela Firjan reforçaram a dimensão econômica do desafio. O presidente da entidade, Luiz Césio Caetano, afirmou que estudo da federação identificou nove novas fronteiras de desenvolvimento industrial com potencial de gerar cerca de 700 mil empregos e acrescentar R\$ 210 bilhões ao PIB fluminense na próxima década. Ao mesmo tempo, entraves estruturais representariam um custo anual de quase R\$ 95 bilhões às empresas instaladas no estado, segundo os dados apresentados durante o Fórum.

A segurança jurídica ganhou destaque ainda nas discussões sobre saúde e inovação. Pablo Meneses, da Rede D’Or, defendeu maior participação privada em pesquisa e desenvolvimento, mas condicionou uma expansão mais acelerada dos aportes à existência de regras previsíveis. “Para que tenhamos mais investimento privado na saúde, na pesquisa e no desenvolvimento, é necessário termos um grande pilar, que é o pilar da segurança jurídica”, afirmou. Para ele, o país já possui excelência científica e escala, mas precisa criar condições para transformar conhecimento em atividade econômica e inovação.

O procurador-geral da República, Paulo Gonet, abordou o mesmo tema pela perspectiva institucional e ressaltou que estabilidade não significa impedir mudanças, mas evitar alterações inesperadas capazes de comprometer decisões tomadas sob regras anteriores. “Não se fala, quando se fala em estabilidade, em engessamento do passado, mas sim em evitar surpresas desnecessárias”, afirmou.

Por que as empresas estão preferindo terceirizar seus produtos financeiros ao invés de desenvolvê-los?

Daniel Salmazo Venâncio (*)

O embedded finance é a prática de uma empresa oferecer produtos financeiros dentro do próprio site ou aplicativo e mantê-lo sob o nome da marca, evitando que o consumidor precise acessar o banco para concluir a operação. No Brasil, o modelo tem sido um sucesso, visto que os principais exemplos de sua aplicação, as linhas de crédito para pix e consórcios, tem encontrado cada vez mais adesão.

Um relatório da Research and Market, divulgado ao final de 2025, apontou que o mercado brasileiro de embedded finance cresceu 13,3% ao ano entre 2021 e 2025, com a expectativa de manter o crescimento por volta de 6,7% até 2030, alcançando o valor de US\$18,33 bilhões. Esse crescimento indica que a incorporação de serviços financeiros à jornada das

marcas deixou de ser uma tendência experimental e passou a fazer parte da estratégia de negócios de diferentes setores.

Há ainda uma peculiaridade no cenário brasileiro de embedded finance, a relação simbiótica com o conceito de white label, ou seja, modelo em que uma solução, produto ou infraestrutura desenvolvida por uma empresa pode ser oferecida por outra sob sua própria marca. Neste caso, é a fintech ou a administradora de consórcios que se encarrega de operacionalizar a solução, enquanto o consumidor a contrata pela plataforma da marca, criando um ecossistema complexo, mas atrativo.

Assim, a empresa não precisa necessariamente escolher entre desenvolver internamente ou abrir mão do produto, ela escolhe a terceira via, mantendo a marca, o cliente e a

estratégia enquanto uma estrutura especializada assume a complexidade operacional.

Adotando soluções nacionais

A decisão de buscar um parceiro para tornar os produtos financeiros embutidos possíveis se justifica pelo padrão de consumo brasileiro, fortemente apoiado em produtos financeiros nacionais. De acordo com uma pesquisa da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), 38% dos usuários de pix já utilizaram a função de parcelamento da ferramenta, enquanto a Associação Brasileira de Administradoras de Consórcio (ABAC) aponta que, até abril de 2026, o Brasil tem 12,9 milhões de consorciados ativos.

Para as empresas, o desafio deixou de ser simplesmente oferecer um produto financeiro, a questão passou

a ser como incorporá-lo à experiência da marca com segurança, escala e eficiência operacional. Dessa forma, as fintechs e as administradoras de consórcio se destacam por oferecer eficiência, conformidade e segurança, enquanto as marcas se dedicam às estratégias de venda.

Fortalecendo a relação

O levantamento CX Trends 2026, realizado pela Opinion Box em parceria com a Octadesk, aponta que 60% dos consumidores brasileiros dão preferência para marcas que oferecem boas experiências, enquanto 63% fazem questão de criticar publicamente quando a relação é ruim.

Especialmente para multinacionais que estão se estabelecendo no Brasil, ou para empresas que pretendem introduzir um novo produto para o público nacional, a adesão às soluções

financeiras regionais é essencial para estabelecer um bom vínculo e gerar confiança. Quando uma empresa oferece uma solução alinhada à sua marca, ela amplia os pontos de contato com o consumidor e torna a jornada mais completa.

Em outras palavras, a inclusão do pix em modelos embedded finance e a utilização de consórcio no modelo white label se tornaram práticas essenciais para o relacionamento entre marcas e consumidores no Brasil. Com isso, a terceirização desses produtos provou-se eficaz e rentável, indicando que esses modelos vão continuar impulsionando o mercado de fintechs e administradoras. Os investimentos, no entanto, nunca devem perder de vista seu principal beneficiário, que é o consumidor.

(*) Diretor Executivo de Operações na Âncora Consórcios, uma das maiores administradoras independentes de consórcios do Brasil.